
G nero e Sexualidade: diálogos na forma o de licenciandos/as em Ciências Biológicas

Figueiredo, Roniel Santos¹ & Souza, Marcos Lopes de²

Categoría: Reflexiones y experiências desde la innovación em el aula.

Resumo: Este trabalho discute um processo formativo realizado com licenciandos/as de Ciências Biológicas participantes do Subprojeto de Biologia do Programa Institucional de Bolsa de Inicia o   Docência (PIBID), em uma universidade estadual baiana no Brasil, objetivando fomentar reflexões sobre as questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar. Os momentos de discussões problematizaram situa es cotidianas em que se reconhecem atitudes preconceituosas produzidas por uma sociedade normatizadora. Com essas vivências, os/as participantes aprofundaram os seus saberes sobre os g neros e as sexualidades, questionaram muitas das verdades absolutas, se sentiram mais aptos/as a trabalharem essas questões no ensino de Biologia escapando das essencializa es, binarismos e prescri es, além de reconhecerem as diversas expressões dos g neros e das sexualidades.

Palavras-chave: Forma o docente, Ciências Biológicas, gênero e sexualidade.

Introdu o

O ambiente escolar   repleto de aprendizagens e dentre as inúmeras questões ensinadas e aprendidas neste espaço destacam-se as de gênero e sexualidade. Para Louro (2012, p. 97), nos espaços escolares há a reitera o de um modelo hegem nico formado por opostos "masculino/feminino; heterossexual/homossexual; normal/anormal; saudável/doente; público/privado; decente/indecente; [branco/preto;] moral/imoral".   importante salientar que nesse modelo dicotômico ao primeiro elemento   sempre dada a primazia e a

¹ Mestrando do Programa de Pós-Gradua o em Rela es étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) do órgão em Rela es étnicas e Contemporaneidade (ODEERE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Jequi . Email: ronielbiologia@hotmail.com.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Gradua o em Rela es étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da UESB, *campus* de Jequi . Email: markuslopesouza@gmail.com.

naturaliza o, enquanto o segundo   visto como desvio que precisa ser controlado e, muitas vezes, curado. Em se tratando dos desejos afetivos e sexuais, define-se a heterossexualidade como norma, com suas manifesta es também padronizadas; para o masculino tem-se o rapaz viril, exalando testosterona em suas atitudes másculas e para o feminino a moça meiga, dócil, frágil e submissa ao masculino. Quem não se enquadra nesse modelo sofre várias discrimina es.

Reconhecendo a figura do/a professor/a como um/a importante agente no desenvolvimento da escola,   importante que eles/elas participem de processos formativos que fomentem debates sobre gênero e sexualidade, em uma perspectiva reconhecidora das diferenças, sem enquadramentos.

Dentre os diferentes cursos de licenciatura em que se reconhece a necessidade do debate sobre gênero e sexualidade, destaca-se o de Ciências Biológicas. Em uma pesquisa feita com licenciandos/as de um curso de Biologia, Souza & Dinis (2010) salientaram que os diálogos sobre estas questões ainda são precários, marcados por um viés cartesiano que fragmenta e diseca o corpo em partes isoladas, focando os aspectos apenas biológicos normativos e essencialistas, sem contextualiza o sociocultural.

Por reconhecer a necessidade e a importância das discussões acerca dos g neros e das sexualidades na forma o docente, este artigo objetiva apresentar e analisar um processo formativo envolvendo a temática diversidade de gênero e sexual com os/as participantes do Programa Institucional de Bolsa de Inicia o   Docência (Pibid), subprojeto Biologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Jequi , Bahia, Brasil.

Desenvolvimento

Este estudo foi desenvolvido junto ao Pibid – Subprojeto de Biologia da UESB, *campus* de Jequi , Bahia, Brasil. Os/As participantes foram os/as doze licenciandos/as do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UESB, *campus* de Jequi ; uma professora universitária formadora e coordenadora do subprojeto e duas professoras de duas escolas estaduais distintas da referida cidade. A a o formativa foi conduzida pelo segundo autor deste artigo e também coordenador do Núcleo de Estudos em Diversidade de G nero e Sexual da UESB, com o intuito de propiciar diálogos sobre gênero e sexualidade com as/os docentes em forma o inicial para que se reconheçam como promotores de uma educa o pluralista e reconhecidora das diferenças.

O Pibid foi instituído a partir da Portaria Normativa nº 38, de 12 de dezembro de 2007 por meio da ação conjunta do Ministério da Educação (MEC), da Secretaria de Educação Superior (SES), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e com o propósito de fomentar a iniciação à docência de estudantes em nível superior, em cursos de licenciatura presencial plena, para atuar na educação básica pública por meio de um processo formativo contínuo, desenvolvendo atividades didático-pedagógicas inseridas no contexto das escolas públicas desde o início da formação acadêmica, sob orientação de um/uma docente da universidade e outro/a da escola de educação básica (Brasil, 2007).

Os oito encontros para o desenvolvimento da proposta de diálogo sobre diversidade de gênero e sexual ocorreram no período de maio a agosto de 2014, às sextas-feiras, com carga horária de três horas por encontro. Foram discutidos temas como: intersexualidade; gênero, feminilidades e masculinidades; transgeneridade; diversidade sexual; relacionamentos afetivos e sexuais; práticas sexuais; saúde sexual: riscos e vulnerabilidades.

Apesar de ser uma temática considerada desestabilizadora, os debates ocorreram de maneira dialógica sem coações e constrangimentos. Na abordagem destas questões foram utilizadas metodologias diversificadas: leituras e discussões de textos, análises de curtas e longas metragens e de reportagens, aulas expositivas dialogadas e dinâmicas. Para a construção e análise dos dados foram utilizados os escritos dos/as participantes desenvolvidos ao longo das intervenções e as anotações em diários feitas pelos dois autores deste referido texto.

Para iniciar a proposta foi exibido o artefato cultural *Vestido novo*, curta-metragem do diretor e roteirista espanhol Sergi Pérez (2007) e discutidas as marcas generificadas e o tratamento dado a quem assume identificações de gênero que subvertem as normatizações, ocupando espaços não designados socialmente para elas. Alguns/algumas participantes compartilharam experiências pessoais, reconhecendo o quanto essas marcas de gênero influenciaram em suas vidas, sendo causa, inclusive, de discriminações e questionamentos, como relatou uma bolsista sobre seu primo que gostava de brincar de boneca e que percebia que o pai da criança (seu tio) estava perturbado com aquela situação, temeroso da criança se reconhecer enquanto homossexual. No encontro seguinte foi trabalhado o texto de Guacira Lopes Louro: Currículo, gênero e sexualidade – o

“normal”, o “diferente” e o “excêntrico” (Louro, 2013), embasando a discussão sobre as posições sociais dos sujeitos e o papel que a sexualidade ocupa nesses espaços tão demarcados e, muitas vezes, inflexíveis.

Em outro encontro, ao ser exibido o filme *XXY* uma produção de *Lucía Puenzo (2007)*, os/as cursistas perceberam que o sexo existe para além do modelo dicotômico sexual (homem-mulher), havendo outras possibilidades como as pessoas intersex que embaralham as características tidas como femininas e masculinas e borram essa fronteira construída entre homem e mulher. Dentre as expressões da intersexualidade temos as pessoas com o cariótipo XXY ou aquelas com cariótipo XX, mas com uma hiperplasia adrenal congênita que aumenta a quantidade de andrógenos e, conseqüentemente, o tamanho do clitóris. Apesar dos debates, alguns/algumas participantes ainda reiteraram um discurso médico-corretivo que entende a intersexualidade como uma patologia a ser corrigida. Como relatado por Pino (2007, p. 153), os/as intersexuais: “[...] são corpos que deslizam nas representações do que se considera como verdadeiramente humano, situando-se nos interstícios entre o que é normal e o que é patológico”.

A transexualidade foi discutida por intermédio da leitura do capítulo do livro de João Nery – *Tentando ser mulher* (Nery, 2011) e de uma entrevista dele em um programa televisivo brasileiro. João Nery é um homem trans que realizou uma cirurgia de transgenitalização nos anos 1970, período em que a legislação brasileira proibia estas intervenções médicas. Após debates notou-se que o conceito do masculino e feminino estava sendo desvinculado dos órgãos genitais e alguns/algumas participantes expressaram uma admiração pelas pessoas transexuais, reconhecendo que estas rompem o padrão, além de serem destemidas, pois, na maioria das vezes, protagonizam histórias marcadas por rejeições, repressões e dores. Alguns questionamentos também foram levantados sobre as certezas em ser transexual e foi problematizado que a sexualidade é marcada por incertezas, instabilidades, desvios e ambiguidades.

O debate sobre diversidade sexual ocorreu com a exibição do curta metragem brasileiro *Eu não quero voltar sozinho* (Pérez, 2007), do diretor Daniel Ribeiro (2010). Nosso propósito foi desnaturalizar a ordem regulatória que entende a heterossexualidade como natural e enquanto o destino de todas as pessoas. Neste debate também foi falado sobre a sexualidade das pessoas com deficiência perturbando a ideia de que essas pessoas não tenham sexualidade, como se não pudessem sentir desejos e concretizá-los em virtude das chamadas “limitações”. Leonardo, um dos personagens do curta, é cego e se apaixona por

Gabriel, um colega novo que chega a sua turma escolar. O fato de Leonardo ser cego mobilizou todas/os a repensarem as produções dos desejos e do prazer para além da percepção visual. O desejo é construído na relação estabelecida pelos dois por meio do cheiro, do toque, da voz, da cumplicidade e de tantas outras subjetividades. O grupo reconheceu que o desejo perpassa por inúmeros elementos, sendo singular para cada pessoa e não havendo, portanto, uma regra que dê conta de enquadrá-lo.

Na discussão sobre gravidez na adolescência, esta foi vista como antecipação de algo que deve ser adiado, sendo tida também como irresponsabilidade, gerando diversas consequências indesejadas. Com o intuito de problematizar tal situação foi discutido o texto "Gravidez na adolescência: interfaces entre gênero, sexualidade e reprodução" de Heilborn (2004), no qual são apresentadas diversas situações nas quais adolescentes engravidam por desejo individual e que não percebem isso como um empecilho para suas vidas.

No último encontro foi discutida a temática *Práticas sexuais e saúde*. O grupo tinha conhecimento sobre as formas em que as DST/AIDS são transmitidas, no entanto, ocorreram alguns equívocos, por exemplo, acreditar que o beijo na boca é uma forma de transmissão do HIV. Foram discutidas as possibilidades de vivenciarem as práticas sexuais com menores riscos para a saúde sexual, evitando formas prescritivas ou higienistas, apontando que as práticas sexuais são diversas e podem ser vividas de múltiplas maneiras.

Em síntese, o processo formativo foi avaliado de forma positiva pelos/as participantes que verbalizaram de forma enfática as contribuições dos encontros para suas jornadas pessoais e profissionais, salientando a relevância de os/as licenciandos/as e licenciados/as em Ciências Biológicas terem contato com essa temática, a fim de problematizarem as normas que são impostas e reproduzidas em sala de aula. Apesar das contribuições, ressaltamos que esta não garante que esses/as futuros/as docentes desenvolvam trabalhos desta natureza na escola, inclusive porque há outros fatores externos interferindo no desenvolvimento de propostas como essa, sobretudo, em tempos de rejeição aos debates de gênero por alguns setores de nosso país.

Referências Bibliográficas

Brasil. (12 de dezembro de 2007). Portaria Normativa nº38. *Dispõe Sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.* Brasil: Diário Oficial da União.

Heilborn, M. L. (2004). Gravidez na adolescência: interfaces entre gênero, sexualidade e reprodução. In: A. P. Uziel, L. F. Rios, & R. Parker. *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS* (pp. 51-62). Rio de Janeiro: Pallas.

Louro, G. L. (2012). Currículo, gênero e sexualidade - o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In: G. L. Louro, J. Felipe, & S. V. Goellner. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação* (pp. 43-53). Petrópolis: Vozes.

Lucía Puenzo, (Diretora). (2007). *XXY* [Filme Cinematográfico].

Nery, J. (2011). *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois.* São Paulo: Leya.

Pérez, S. (Diretor). (2007). *Vestido Novo* [Filme Cinematográfico].

Pino, N. P. (2007). A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, 28 (5), pág. 149-174.

Ribeiro, D. (Diretor). (2010). *Eu não quero voltar sozinho* [Filme Cinematográfico].

Souza, L. C., & Dinis, N. F. (2010). Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. *Pro-Posições*, 21 (3), pág. 119-134.